



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL**

**ELIANE CAVALCANTI DE MEDEIROS**

**O TRABALHO VOLUNTÁRIO EM DEBATE: UM ESTUDO NA ASSOCIAÇÃO DE  
APOIO AOS PORTADORES DE CÂNCER ESPERANÇA E VIDA - CAMPINA  
GRANDE – PB**

**Campina Grande-PB**

**2014**

ELIANE CAVALCANTI DE MEDEIROS

O TRABALHO VOLUNTÁRIO EM DEBATE: UM ESTUDO NA ASSOCIAÇÃO DE  
APOIO AOS PORTADORES DE CÂNCER ESPERANÇA E VIDA - CAMPINA  
GRANDE – PB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Graduação em Serviço Social da  
Universidade Estadual da Paraíba, em  
cumprimento à exigência para obtenção do  
grau de Bacharel em Serviço Social.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mônica Barros da Nóbrega

Campina Grande-PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M488t Medeiros, Eliane Cavalcanti de

O trabalho voluntário em debate [manuscrito] : um estudo na Associação de Apoio aos Portadores de Cancer Esperança e Vida - Campina Grande – Pb / Eliane Cavalcanti de Medeiros. - 2014.  
36 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Mônica Barros da Nóbrega, Departamento de Serviço Social".

1. Trabalho voluntário. 2. Terceiro Setor. 3. Organizações não governamentais. I. Título.

21. ed. CDD 361.37

ELIANE CAVALCANTI DE MEDEIROS

O TRABALHO VOLUNTÁRIO EM DEBATE: UM ESTUDO NA ASSOCIAÇÃO DE  
APOIO AOS PORTADORES DE CÂNCER ESPERANÇA E VIDA - CAMPINA  
GRANDE – PB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Graduação Serviço Social da  
Universidade Estadual da Paraíba, em  
cumprimento à exigência para obtenção do  
grau de Bacharel em Serviço Social.

Aprovada em 15 de abril de 2014

Mônica Barros da Nóbrega  
Profª Drª Mônica Barros da Nóbrega / UEPB  
Orientadora

Patrícia Crispim Moreira  
Prof. Msª. Patrícia Crispim Moreira / UEPB  
Examinador

Cleônia Maria Mendes de Souza  
Profª. Msª. Cleônia Maria Mendes / UEPB  
Examinadora

NOTA: 9,5

*A Deus, minha fortaleza e refúgio em todos os momentos,  
dedico.*

## **AGRADECIMENTOS**

Diversas foram às dificuldades enfrentadas para concluir esse curso. Muitas vezes pensei em desistir, mas devido a graçase a misericórdia do Senhor Deus tive coragem para seguir adiante. Acredito que todas as coisas cooperaram para o bem dos que amam a Deus.

Nenhuma vitória é alcançada individualmente, sempre contamos com a participação de outras pessoas. Estaque agora conquisto não poderia ser diferente. De forma direta ou indireta foram muitas as pessoas que contribuíram para concretização deste sonho.

Neste espaço registro os meus agradecimentos aos que foram essenciais para que eu pudesse galgar cada degrau dessa caminhada.

Primeiramente a Deus, que me carregou no colo e não me deixou desistir, me fazendo acreditar na possibilidade de realização desse intento. Por ter me possibilitado a convivência salutar com os amigos e amigas que se fizeram presentes nesse processo. E, acima de tudo, ter me presenteado com uma família que esteve e está sempre ao meu lado, conduzindo-me a trilhar o caminho da honestidade, do respeito e da cumplicidade.

Sou intensamente grata aos meus queridos pais Lindalva e José Francisco e aos meus irmãos Liliane, Glauciane, Tatiane e Leonel, por tudo...

Ao meu querido e amado Hugo, por sempre me incentivar e lutar comigona busca pela realização dos meussonhos. Nesta trajetória ele foi esposo, companheiro, cúmplice, amigo.

À Helén, minha cunhada, mesmo que indiretamente fez parte dessa caminhada.

À minha estimada e admirada orientadora Mônica Barros da Nóbrega, pela sua paciência, compreensão, profissionalismo e éticacom que conduziu o processo de orientação deste trabalho. Ela foi essencial, razão pela qual se tornou uma referencia para mim.

Agradeço também as colegas de turma, com as quais compartilhei momentos inesquecíveis, bem como as angustias vivenciadas no decorrer do curso.

À Luciana Garcia e Magliana Leite Santos, em especial, pois com elas também compartilhei a experiência do Estagio Supervisionado na Associação de

Apoio aos Portadores de Câncer Esperança e Vida. Tornamos-nos amigas para toda a vida.

Aos professores do Departamento de Serviço Social, que me proporcionaram uma formação profissional de qualidade, em particular a Professora Salyanna de Souza, que apesar do pouco tempo que estive como minha orientadora, contribuiu significativamente para tanto.

À Associação de Apoio aos Portadores de Câncer Esperança e Vida, na pessoa de Elaine Barros, assistente social, com a qual vivenciei momentos enriquecedores para minha formação profissional.

Aos usuários da referida Associação, exemplos de superação, pois, mesmo diante das dificuldades vivenciadas cotidianamente, não perdem a esperança na vida.

À banca examinadora, por ter aceitado o convite para participar deste momento e compartilhar comigo os seus conhecimentos. Hoje se fecha um ciclo, ao mesmo tempo em que nasce uma nova etapa para ser vivida plenamente.

A todos, os meus sinceros agradecimentos.

## SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2 CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL E O ENFRENTAMENTO DAS EXPRESSÕES DA “QUESTÃO SOCIAL” .....</b>	<b>12</b>
2.1 Terceiro Setor e a cultura do voluntariado.....	12
2.2 O trabalho voluntário e a sua funcionalidade as novas modalidades de enfrentamento das expressões da “questão social” .....	17
<b>30 TRABALHO VOLUNTÁRIO NA ASSOCIAÇÃO DE APOIO AOS PORTADORES DE CÂNCER ESPERANÇA E VIDA.....</b>	<b>22</b>
3.1 Considerações sobre o Perfil socioeconômico dos voluntários.....	22
3.2 Razões que impulsionam o trabalho voluntário na Associação de Apoio aos Portadores de Câncer Esperança e Vida e o que pensam os voluntários sobre esta atividade.....	23
<b>4 CONSIDERAÇÕES .....</b>	<b>27</b>
<b>5 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>28</b>

ANEXOS

APÊNDICES

# O TRABALHO VOLUNTÁRIO EM DEBATE: UM ESTUDO NA ASSOCIAÇÃO DE APOIO AOS PORTADORES DE CÂNCER ESPERANÇA E VIDA - CAMPINA GRANDE – PB

MEDEIROS, Eliane Cavalcanti de\*.

## RESUMO

O presente artigo científico versa sobre o tema do trabalho voluntário, a partir dos resultados de uma pesquisa realizada na Associação de Apoio aos Portadores de Câncer Esperança e Vida, situada no município de Campina Grande-PB. A referida pesquisa teve como objetivo geral apreender como se constitui o trabalho voluntário na referida Associação, e como objetivos específicos traçar o perfil socioeconômico desses voluntários, identificar as razões que os levam a desenvolverem esse tipo de atividade e apreender o que pensam sobre esta. Tratou-se de uma pesquisa bibliográfica, documental e de campo, de caráter analítico-descritivo e abordagem quanti-qualitativa, fundamentada no método crítico dialético. Os dados foram coletados através de entrevista semiestruturada, com um roteiro previamente estabelecido, o diário de campo e o gravador. A amostra foi constituída por 06 (seis) voluntários, compreendendo a totalidade do universo. A análise dos dados foi realizada através de sucessivas aproximações ao objeto de estudo. Os resultados indicam que o trabalho voluntário na referida Associação, se constitui como uma ação de cunho social desenvolvida por indivíduos que se sentem tocados pelos problemas do adoecimento humano e pela pobreza, creditando aos valores de participação e solidariedade a solução para os problemas sociais predominantes na sociedade atual. Apreendem o trabalho voluntário como uma ação solidária individual de ajuda a quem mais necessita, expressando uma sintonia com o discurso apologético do Terceiro Setor, que transfere para a sociedade civil o enfrentamento da “questão social”.

**Palavras-chave:** Trabalho Voluntário. Terceiro Setor. Organizações Não Governamentais.

## ABSTRACT

This research paper deals with the theme of volunteering, from the results of a survey conducted at the Association for the Support of Patients with Cancer Hope and Life, located in Campina Grande-PB. Such research investigation aims to discover how it is volunteer work in that Association, and specific goals to draw the socioeconomic profile of these volunteers, identifies the reasons that lead them to develop this type of activity and learn what they think about this. It was a bibliographical, documentary and field research, analytical - descriptive and quantitative-qualitative approach, based on the critical dialectical method. Data were collected through semi-structured interviews, with a prescribed script, field diary and the recorder. The sample consisted of 06 (six) volunteers, comprising the entire universe. The analysis of data was performed by successive approximations to the object of study. The results indicate that voluntary work in that Association is constituted as an act of social nature developed by individuals who feel touched by the problems of human illness and poverty, crediting the values of participation and solidarity the solution to social problems prevalent in current society. Seize the volunteer work as an individual joint action to help those most in need, expressing a line through apologetic discourse of the Third Sector, which transfers to civil society addressing the “socialquestion.”

**Keywords:** Volunteer. Third Sector. Non-Governmental Organizations.

---

\* Acadêmica de Graduação em Serviço Social da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: elinha.cavalcanti@yahoo.com.br.

## 1 INTRODUÇÃO

A conjuntura política, social e econômica que vem se desenhando ao longo das últimas décadas, determinada, sobretudo, pela reorganização do processo produtivo, culminou com a redefinição do papel do Estado e suas relações com a sociedade civil.

Redefinição essa que se expressa, principalmente, nas alterações ocorridas no padrão de enfrentamento da “questão social”<sup>1</sup>. As Organizações Não Governamentais(ONGs) e as Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIPs) vêm se distinguindo como nova estratégia para seu enfrentamento.

É no âmbito dessas organizações sem fins lucrativos que o trabalho voluntário vem ganhando espaço, contribuindo significativamente para o crescimento do número das ONGs, componentes do denominado Terceiro Setor.

O conceito de Terceiro Setor, segundo Montaño (2008, p. 182), numa perspectiva crítica e de totalidade, é o resultado inteiramente ideológico e inadequado ao real, visto que a realidade social não se divide em primeiro, segundo e terceiro setor. Logo, “[...]é uma divisão que consiste num artifício positivista, institucionalista ou estruturalista”.

Para Bonfim (2010), o trabalho voluntário é caracterizado como um conjunto de ações de interesse social e comunitário em que toda a atividade desempenhada é revertida a favor do serviço, sem recebimento de qualquer remuneração ou lucro. É um fenômeno que existe há muito tempo, contudo no atual momento histórico vem assumindo cada vez mais expressivo papel na sociedade.

Logo, o voluntário é um ator social que presta serviços não remunerados em benefícios, doando seu tempo e conhecimentos, gerado pela energia de seu impulso solidário, atendendo tanto às necessidades do próximo, como às suas próprias motivações, sejam estas de caráter religioso ou cultural.

O presente artigo científico versa sobre o trabalho voluntário, considerando os resultados de uma pesquisa realizada na Associação de Apoio aos Portadores de

---

<sup>1</sup> Na tradição marxista o termo é empregado como expressão dos fundamentos da sociedade capitalista, como a contradição entre capital e trabalho, desdobrando-se e manifestando-se de diversas formas (desemprego, violência, pobreza etc.) e representando conflitos e lutas em torno do antagonismo de interesses. (MONTAÑO e DURIGUETTO, 2011 p. 364)

Câncer Esperança e Vida, situada na Rua Antônio Campos, n. 382, no bairro Alto Branco, no município de Campina Grande-PB.

Pesquisa esta que teve como objetivo principal apreender como se constitui o trabalho voluntário na referida Associação e como objetivos específicos traçar o perfil socioeconômico desses voluntários, identificar as razões que os levam a desenvolverem esse tipo de atividade e apreender o que pensam sobre esta.

Foi realizada entre os meses de maio a dezembro de 2013, tendo como sujeitos os 06 (seis) voluntários existentes na Associação. Ou seja, não recorreremos às técnicas de amostragem para os propósitos da investigação, priorizamos, pois, todo o universo.

Optamos pela pesquisa bibliográfica, documental e de campo. Com a perspectiva de apreendermos o objeto de estudo na sua totalidade utilizamos o método crítico-dialético como pressuposto epistemológico, pois acreditamos que este método é, conforme ressalta Márkus (1974) o único método através do qual poderemos apreender o movimento do real no interior da sociedade capitalista.

Para a coleta dos dados recorreremos à entrevista semiestruturada, com um roteiro previamente estabelecido (vide apêndice A), ao diário de campo e ao gravador. Os dados foram analisados por meio de sucessivas aproximações.

O Projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual da Paraíba para análise e parecer, tendo sido aprovado em novembro de 2013 (ver anexos A e B). Deste modo, o processo investigativo cumpriu o que determina a Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, no que se refere aos aspectos éticos da pesquisa que envolve seres humanos.

A aproximação com a temática ocorreu durante a nossa experiência enquanto estagiária de Serviço Social na citada Associação, no período de março de 2012 a setembro de 2013. No decorrer desse processo foi possível observar a forte presença do trabalho voluntário nas atividades desenvolvidas, o que nos suscitou os seguintes questionamentos: como se constitui o trabalho voluntário nessa Associação? Qual o perfil desses voluntários? Quais as razões que os levam a desenvolverem esse tipo de atividade? Enfim, o que pensam sobre o trabalho voluntário?

A Associação de Apoio aos Portadores de Câncer Esperança e vida, conforme o seu Estatuto (2008), é uma organização da sociedade civil de interesse público com destinação beneficente, filantrópica, educacional, cultural e altruísta. Foi

criada em 07 de março de 2008 para prestar assistência aos portadores de Neoplasia Maligna (câncer) – crianças, jovens, adultos e idosos de baixa renda –, visando uma melhoria na sua qualidade de vida.

Dentre as ações que desenvolve podemos ressaltar a realização de cadastro para portadores de câncer; visitas domiciliares; entrega de benefícios; distribuição de medicamentos, suplemento alimentar e cesta básica; pagamento de água, luz, exames e consultas; viabilização de passagens municipal e intermunicipal; atendimentos jurídicos e psicológicos; tratamento fisioterápico; terapia de reiki; palestras; cursos artesanais e eventos culturais.

Os recursos financeiros são, majoritariamente, oriundos de parceria e convênios com o poder público e a iniciativa privada, de contratos, doações, legados e heranças, contribuição dos associados e de eventos beneficentes.

Este estudo torna-se relevante, visto que poderá contribuir para o aprofundamento do debate, na agenda do Serviço Social, acerca do trabalho voluntário no espaço do denominado Terceiro Setor, no atual contexto histórico. Bem como para subsidiar a análise crítica sobre as novas formas de enfrentamento da “questão social”.

Inicialmente faremos uma discussão sobre a crise estrutural do capital e seus desdobramentos para o mundo do trabalho e para a relação entre o Estado, mercado e a sociedade civil, com destaque para o papel do terceiro setor no enfrentamento das expressões da “questão social”. Em seguida buscaremos tecer alguns comentários sobre o trabalho voluntário na atual conjuntura sócio-histórica e política. Por fim, apresentaremos os resultados da pesquisa realizada e faremos as nossas considerações finais.

## **2 CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL E O ENFRENTAMENTO DAS EXPRESSÕES DA “QUESTÃO SOCIAL”**

### **2.1 Terceiro Setor e a cultura do voluntariado**

Para apreendermos a nova conjuntura política, econômica e social dos países capitalistas, faz-se necessário recuperarmos alguns elementos do contexto histórico desencadeado a partir da crise estrutural do capital iniciada nos anos 1970.

No então denominado Estado de Bem Estar Social, na primeira metade do

século XX até o início da atual crise do capital, um conjunto de políticas estatais possibilitavam aos trabalhadores o acesso a direitos.

Segundo Bonfim (2010), este período, conhecido como “os anos dourados” do capitalismo, instituiu medidas aceitáveis entre trabalhadores e patrões, regulado e autorizado pelo Estado intervencionista. Existia um amplo sistema de seguridade social e conquistas de aumentos salariais crescentes. Em certa medida patrões e organizações trabalhistas atuavam juntos, no sentido de atender as reivindicações dos trabalhadores dentro de limites que não afetassem seus lucros, ao mesmo tempo em que lhes concediam importantes direitos sociais.

Para a referida autora, após a Segunda Guerra Mundial os países capitalistas centrais vivenciaram períodos de crescimento econômico significativo, uma vez que foi possível elevar a produtividade ao máximo e a intensidade do trabalho, garantindo níveis elevados de emprego, além de uma política de bem estar social ampla.

No entanto, a partir de 1973 uma grave crise afeta o cenário econômico mundial, culminando na reestruturação do modo de produção capitalista, sobretudo nas estruturas econômicas, políticas, sociais e ideológicas, adequando-as às exigências do capital na sua busca de elevação da taxa de lucro.

Entra em cena um modelo de política fundamentado num conjunto de ideias políticas e econômicas, que prioriza a não participação do Estado na economia. Ou seja, no neoliberalismo, visto como a solução parcial para a crise que assolava os países imperialistas (MONTAÑO, 2008).

A partir de então muitas mudanças começaram a ocorrer no processo de produção em todo o mundo, sob uma palavra de ordem: flexibilização. Tais mudanças afetaram desde as estruturas econômicas, políticas até os padrões de comportamento e relacionamento humano.

No que tange ao mundo do trabalho, segundo Groppo (2007), além de inovar tecnologicamente o processo de trabalho, buscou-se forjar um novo tipo de trabalhador, dócil, altamente qualificado e especializado, capaz de desempenhar muitas funções, tomar iniciativas e ser criativo. O índice de desemprego e subemprego aumentou significativamente, as relações de trabalho foram alteradas, aprofundando a desigualdade econômica e social, expressa na crescente pauperização da classe trabalhadora.

No Brasil, considerando as suas particularidades históricas, as

manifestações dessa crise assumiram aspectos diferenciados. Como já ressaltou Netto (1996), aqui não tivemos um estado de bem estar a ser destruída, a efetividade dos direitos sociais é residual etc. Logo, foi adotado e posto em marcha um 'neoliberalismo light', estruturado na junção do novo com o tradicional, com o atraso, culminando com um cenário econômico e sociopolítico altamente desfavorável para a classe trabalhadora.

Vale lembrar que nos anos 1980, no âmbito social o Brasil obteve conquistas e avanços, pois como escreveu Sposati (1992), reapareceram no cenário político forças sociais que recuperaram o espaço vedado a partir de 1964, expressando-se através dos movimentos sociais urbanos e rurais, do sindicalismo operário aliado aos intelectuais, profissionais e a uma parcela da Igreja que se posicionou a favor dos oprimidos. Estas forças, portanto, questionaram as medidas econômicas refletidas na crescente pauperização da população. O social tornou-se campo de reivindicações coletivas, nas quais os segmentos da população se manifestaram e exigiram um novo direcionamento para as propostas sociais.

Contudo, a partir da década de 1990, segundo Antunes (2001), o processo de reorganização do capital e de seu sistema ideológico e político de dominação, cujos contornos mais evidentes foram o advento do neoliberalismo, deu origem a desregulamentação dos direitos do trabalho e a desmontagem do setor produtivo estatal. Precisamente em 1994, no então governo de Fernando Henrique Cardoso, o projeto neoliberal foi implementado de forma tardia em relação aos países imperialistas. A partir do Plano Diretor de Reforma do Estado (1995)<sup>2</sup>, houve um processo de “contrarreforma” das ações estatais e uma forte tendência de desresponsabilização do Estado para com as políticas sociais, através da diminuição do seu papel e a contenção de gastos, resultando na precarização, no sucateamento e na mercantilização de tais políticas.

Dessa forma, tem-se a constituição de uma nova modalidade de enfrentamento da “questão social”. Uma estratégia hegemônica do grande capital, cujo resultado se expressa, sobretudo, na focalização e precarização das políticas sociais. A universalização cedeu lugar à focalização, descentralização

---

<sup>2</sup> Segundo Behring e Boschetti (2011, p. 152) foi um plano que procurava “justificar a direção da ‘reforma’ como necessária e irreversível [...], na verdade, foi um ajuste fiscal [...] que deixou o país à mercê dos especuladores no mercado financeiro, de forma que todo o esforço de redução de custos preconizado escoou pelo ralo do crescimento galopante das dívidas interna e externa.”.

efragmentação. Portanto, instituiu-se uma modalidade de política social que não se fundamenta no direito do cidadão.

Nesse cenário predomina as privatizações e/ou transferência da responsabilidade do Estado para os segmentos da sociedade civil, dando origem às parcerias<sup>3</sup>, as quais acontecem por meio de repasses dos recursos públicos para o denominado Terceiro Setor.

Conforme Montañó (2008, p. 224) a “parceria” entre o Estado e as ONGs tem, na verdade uma função ideológica para “*encobrir e gerar a aceitação* da população a um processo que, como vimos, tem clara participação na estratégia atual de reestruturação do capital” (grifos do autor).

Observa-se, cada vez mais, o fortalecimento e valorização da sociedade civil como agente social, representada institucionalmente pelas entidades que compõem o referido setor. Os espaços institucionais público não estatal, chamado de Terceiro Setor, tem influência significativa, no sentido de redimensionar as funções do Estado.

Sabe-se que o Terceiro Setor é um termo usado para fazer referência ao conjunto de organizações ou associações que atuam no país sem finalidade lucrativa. Configuraram-se no decorrer dos últimos 20 (vinte) anos, dentro de um contexto social, econômico e político marcado pela complexidade, incerteza, instabilidade e mudanças aceleradas, em uma dimensão globalizada e de grande desenvolvimento tecnológico e científico. Em contrapartida, de muita pobreza e desigualdade social.

Existem diversas tentativas de definição do Terceiro Setor, motivo de intenso debate e polêmica. Para Montañó (2008, p. 182), tudo indica que a denominação de Terceiro Setor fundamenta-se na contraposição ao Primeiro e Segundo Setor. O Primeiro Setor refere-se ao governo, que é responsável pelas questões de âmbito social. O Segundo Setor diz respeito à esfera privada, responsável pelas questões individuais e o Terceiro Setor que é composto por organizações sem fins lucrativos e não governamentais, tendo como objetivo gerar serviços de caráter público.

A atuação das instituições que compõem o Terceiro Setor está legitimada

---

<sup>3</sup> A Lei 9.790/99 Dispõe sobre a qualificação de pessoas jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos, como Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público, institui e disciplina o Termo de Parceria, e dá outras providências.

pelos dispositivos constitucionais<sup>4</sup> que abrem margem à participação da iniciativa privada em ações de interesse social. O Estado convida a sociedade a auxiliá-lo na promoção dos direitos sociais, através de atividades complementares e sob sua fiscalização.

Assim, as ONGs, integrantes do Terceiro Setor, caracterizam-se por serem organizações sem fins lucrativos, autônomas e voltadas para o atendimento das necessidades populares, complementando a ação do Estado.

Tais organizações, na perspectiva do citado autor, surgem como uma alternativa para “aliviar” a desigualdade social. Elas assumem estratégias de ação tanto voltadas para a sociedade, quanto para o Estado por meio do estímulo e execução de políticas públicas, visando à ampliação da cidadania e a democratização local e regional. Mesmo preservando sua autonomia, articula-se em redes, que podemos entender como troca de experiências que possibilita a melhor resolução de problemas específicos.

As ONGs tiveram grande expansão na virada dos anos 1990 com as propostas de parceria com o Estado e iniciativas da sociedade civil, como sujeito executor de políticas públicas. Atuam através da promoção social, visando contribuir para um processo de desenvolvimento alternativo que se dedicam a causa e problemas sociais.

Cavalcanti (2001) destaca o crescente protagonismo da sociedade civil no atual contexto de contrarreforma do Estado. Para a autora, as ONGs demonstram, no atual momento histórico, que são uma extensão da ação estatal e, nesse âmbito, assumem especial participação nesta contrarreforma, enquanto estratégia de implementação de um novo modelo de Estado-mercado-sociedade. Portanto, a atuação das ONGs reflete uma mudança na cultura política, que é marcada por interfaces dessas entidades com o Estado e com a própria sociedade.

Segundo Nascimento (2011), inicialmente as ONGs eram articuladas para um processo de luta de classes, através de um trabalho de conscientização e resistência contra regimes autoritários. E ainda, muitas vezes, trabalhavam pela transformação cristã do indivíduo, havendo uma maior aproximação com setores da

---

<sup>4</sup> De acordo com o Art. 195 da Constituição Federal Brasileira de 1988 “A seguridade social será financiada por toda sociedade, de forma direta e indireta, nos termos da lei, mediante recursos provenientes dos orçamentos da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, e das seguintes contribuições sociais”.

Igreja, que as financiavam. Podia-se falar, também, daquelas organizações que rejeitavam, intencionalmente, a política institucional como objeto de ação e buscava uma atuação mais ampla, procurando mudanças culturais como estratégia política.

Portanto, com desenhos solidários e democráticos as ONGs colocam-se como articuladoras entre outros atores da sociedade civil e o Estado, assumindo um papel instrumental nesse contexto de redefinição da relação do Estado com a sociedade civil.

Uma rede de solidariedade social é estimulada não como necessária a democracia e nos moldes socialista, mas como uma invenção do Estado forjada na reestruturação produtiva e ocultando a luta de classes.

ParaGusmão, 2000, p. 107,

A unidade proposta entre Estado-Governo-Sociedade é aquela que pressupõe que o trabalhador 'vista a camisa do empresário', diante da ameaça de desemprego, e que, por sua vez, o empresário seja 'solidário' com a agenda neoliberal.

Desse modo, a solidariedade propagada pelo projeto neoliberal se constitui como uma estratégia do capital, sobretudo para estimular a aceitação da população, ou seja, para manter a convivência pacífica entre trabalhadores e donos do capital. Nesse processo, a cidadania passa a ser confundida com a “participação comunitária’ e o sujeito dá lugar ao ‘usuário de serviços’” (GROPPO, 2007, p. 152).

A responsabilidade social das empresas

[...] faz atingir ao extremo a sua simulação. Na verdade, faz uso de uma antiga estratégia do capitalismo, descrita tão bem por Karl Marx no cerne de sua obra capital, a saber, a transformação do valor de uso em valor de troca, ou seja, também a solidariedade torna-se uma mercadoria. [...] A solidariedade ou a verdadeira responsabilidade social só pode ser pensada como valor de uso, utilidade em prol das necessidades humanas, não mensuráveis em quantidades, mas apenas como qualidades avaliáveis pelo bem-estar individual e coletivo que proporcionam. O simulacro, esta responsabilidade social empresarial, firma-se em valores de troca realizados no mercado. É quantificável, mensurável em quantidades e avaliáveis pelo quanto de capital imediato e futuro poderá acumular para a organização dita “socialmente responsável”. (GROPPO, 2007, p.154).

Logo, a solidariedade, ou melhor, a responsabilização social satisfaz a lógica do capital transformando-se em “mercadoria” com valor de troca.

Como já mencionado, é nesse âmbito que o chamado Terceiro Setor entra em cena, através das mais variadas organizações, fundações, associações dentre

outras, passando a discutir, mobilizar e, sobretudo, dar respostas às várias expressões da “questão social”, com o uso do voluntariado.

Em pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Organizações não Governamentais (ABONG), cujos resultados foram publicados em 2002, foi possível constatar que 62,76% das ONGs associadas trabalham com voluntários, o que representa um crescimento superior a 100% em relação ao ano de 1998 (30%). Crescimento este, ao que tudo indicasse reflexo da campanha realizada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em torno do Ano Internacional do Voluntariado. Como a questão ocupou a mídia de todo o país, pode-se supor que tenha havido, entre as filiadas, a associação desse ativismo tradicional com a ideia do voluntariado.

Enfim, o trabalho voluntário vem ganhando cada vez mais destaque no contexto de crise estrutural do capital, o que discutiremos a seguir.

## 2 O trabalho voluntário e a sua funcionalidade as novas modalidades de enfrentamento das expressões da “questão social”

A prática do voluntariado é um forte elemento constitutivo do Terceiro Setor. É compreendido como mecanismo da responsabilidade social oferecido por indivíduos, sendo veiculado como uma forma de contribuição da sociedade na resolução dos problemas sociais.

No Brasil, o trabalho voluntário teve origem no século XIX e seguiu a trajetória assistencialista protagonizada pela Igreja Católica. Isso se deu devido, principalmente, a sua vasta experiência no campo da ação social, através de fiéis, norteados pela caridade e por questões espirituais, a prestarem assistência social aos pobres.

Nesse período, os problemas sociais eram tidos como “desvios” dos indivíduos que, por não terem oportunidade de reintegrar-se à sociedade, necessitavam da caridade organizada. As famílias mais abastadas, “com boas intenções”, distribuíam seus excedentes entre os necessitados. Assim, voluntariado era moralizador, feminino, baseado em rígidos valores morais.

A partir do século XX, as instituições filantrópicas assistenciais passaram a ter a intervenção do poder público. Na década de 1930 desenvolveu-se uma política de assistência social. Em 1942 foi inaugurada a Legião Brasileira de Assistência

(LBA), cujo objetivo era ajudar as famílias dos soldados enviados à Segunda Guerra Mundial. Com o fim da Guerra tornou-se um órgão de assistência a famílias necessitadas em geral.

Segundo Monteiro (2004), algumas instituições marcaram a evolução do trabalho voluntário no Brasil. Em 1961 foi criada a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), que até hoje presta serviços assistenciais a pessoas portadoras de deficiências, assim como suas famílias. No ano de 1967 o Projeto Rondon foi criado com a finalidade de levar universitários para dar assistência a comunidades carentes no interior do país.

Em meados da década de 1980 e início da década de 1990, com os ajustes do Estado seu orçamento diminuiu, concomitantemente, os financiamentos da assistência social. A resposta foi o nascimento de um voluntariado que passou a preencher os espaços vazios deixados pelo Estado.

Como exemplos, podemos citar a criação da Pastoral da Criança em 1983, com o objetivo de treinar líderes comunitários para o combate da mortalidade infantil. Bem como em 1995, no Governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso, a criação do Programa Comunidade Solidária, com o intuito de envolver diversos setores da sociedade civil para atuarem juntos no enfrentamento da pobreza, das desigualdades e da exclusão no País.

Logo, o trabalho voluntário, antes restrito ao âmbito da Igreja e das iniciativas privadas de caráter filantrópico, passou a ser incorporado também pela ação estatal. Atualmente é regulamentado, no âmbito federal, pela lei nº 9.608, conhecida como a Lei Voluntariado, promulgada em 18 de fevereiro de 1998, dispendo sobre esta modalidade de trabalho em território nacional e demarcando a relação entre as entidades e o voluntário.

Para efeito dessa Lei (BRASIL, 1998), considera-se serviço voluntário a atividade não remunerada, prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza ou instituição privada de fins não lucrativos, que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social, inclusive mutualidade. O serviço voluntário não gera vínculo empregatício nem obrigação de natureza trabalhista, previdenciária ou afim. Portanto, determina o estabelecimento de um termo de adesão a ser assinado entre voluntário e a instituição receptora do serviço.

A partir daí o voluntário passou a ser considerado um cidadão com nível de

consciência e de participação social que, motivado por valores de participação e solidariedade, doa seu tempo, trabalho e talento de maneira espontânea e não remunerada, em prol de causas de interesse social e comunitário. E não mais como alguém que presta caridade, ou que faz o bem ao seu próximo.

Nas últimas décadas, o trabalho voluntário recebeu, além do incentivo por parte das empresas, o apelo cada vez mais por parte da mídia. Como por exemplo, o “Projeto Amigos da Escola”, desenvolvido pela Rede Globo em 1999, cujo objetivo foi beneficiar o ensino público através do serviço voluntário. Segundo aWikipédia (2012)esse “projeto conta com mais de 30.000 escolas públicas cadastradas para o recebimento de voluntários, estando presente em todas as unidades da Federação.”

Outro fato que trouxe bastante notoriedade ao trabalho voluntário foi idealizado pelas Organizações das Nações Unidas (ONU), declarando 2001 como sendo o ano internacional do voluntariado. Segundo Fernandez (2001, p.2)a concretização, portanto, do ano internacional do voluntariado tem, sobretudo os objetivos: “reconhecer, promover, encorajar e pôr em evidência as contribuições dos voluntários que visam construir uma sociedade mais justa e fraterna.”.

A coordenadora executiva do programa Voluntário das Nações Unidas, Sharon Capeling Alakija (*apud* FERNANDEZ, 2001), com um discurso eminentemente ideológico propõe difundir na sociedade civil a possibilidade da diminuição da pobreza, mediante a realização de trabalhos voluntários.

Nas suas palavras:

Queremos, portanto, mostrar ao mundo inteiro o quanto seríamos todos mais pobres se viesse a faltar o dom das tantas pessoas que oferecem o próprio tempo livre e a própria capacidade para ajudar os outros. São milhões as pessoas que hoje unem as próprias forças para mudar o mundo. (*apud* FERNANDEZ, 2001, p.2)

Para Montaño (2008), a proposta de atividade voluntária de cada cidadão é, certamente, nociva para a população, visto que ao se contratar voluntários no lugar de assalariados o menor custo torna-se mais importante do que a qualidade do serviço.

No Brasil, a cultura do voluntariado é incentivada com o objetivo de transmitir às políticas públicas um caráter assistencialista e filantrópico, o que, automaticamente descompromissa o Estado quanto às suas obrigações e fixa na sociedade este compromisso (BONFIM, 2010).

Segundo esse entendimento Fernandez (2001) comenta que o impacto que

o voluntariado tem sobre o bem-estar e o progresso das nações são muito grandes, sem considerar, pois, aquele que, sem dúvida, é o maior de todos os efeitos, ou seja, ajudar as pessoas a vencer o egoísmo e a se abrirem, gratuitamente, às necessidades dos mais pobres do mundo.

Gropo (2007 p 145-146) destaca que o estímulo ao voluntariado, que descobrirá o 'prazer de ajudar o próximo', indica que esta práxis apela também para a consciência penalizada do cidadão bem-sucedido, que, em procura de alívio diante da crescente miséria e injustiça social que o cerca, age esporadicamente como voluntário.

Desse modo, o estímulo ao voluntariado é propagado como uma saída para as mazelas da sociedade. Como se todo indivíduo fosse responsável pela busca de solução dos problemas sociais e que este tipo de ação compensará o fato de pessoas serem bem-sucedidas e outras serem necessitadas.

Porém, esta responsabilização do indivíduo, na verdade oculta os males da sociedade. A práxis das organizações do terceiro setor, inclusa a responsabilidade social, entre outros resultados, vem contribuindo para o ocultamento das causas mais gerais e fundamentais destes mesmos problemas sociais que diz combater. Reforça, ainda que nem sempre intencionalmente, a tese de que os problemas são causados pela própria incapacidade dos indivíduos e grupos 'excluídos' ou empobrecidos, graças à sua falta de instrução/educação/formação, falta de vontade, 'azar', dentre outros. Defende a tese de que estes problemas devem ser sanados pela boa vontade de 'cidadãos solidários' e/ou ações coletivas desinteressadas do Terceiro Setor. (GROPPO 2007).

Assim, o trabalho voluntário é incentivado pelo ideário neoliberal como uma forma de participação social, utilizando-se dos discursos de responsabilidade social, exercício da cidadania, solidariedade, parceria e de aproveitamento do chamado "tempo livre", no qual todos saem ganhando: voluntário, os grupos atendidos pelo trabalho voluntário e a própria comunidade.

No que diz respeito à substituição do "tempo livre" por uma ocupação, percebe-se mais uma faceta do mercado em prol do Terceiro Setor. Uma vez que o serviço voluntário não gera qualquer vínculo empregatício ou obrigações de natureza trabalhista e previdenciária, não podendo ser considerado trabalho na perspectiva teórica marxista (GROPPO, 2007).

Para Montaño (2008), o trabalho voluntário atende as carências singulares e imediatas, dentro do mundo dado aparentemente imutável, naturalizado, perpétuo. Tem uma prática apenas reprodutora, sem criar nada novo, portanto sem transformar. Por esta razão não pode o ator do Terceiro Setor, voluntário ou não, assumir a categoria trabalho, visto que trabalho transforma enquanto ocupação reproduz.

Nesse sentido, ressalta:

É o trabalho voluntário oferecido por indivíduos como aproveitamento do chamado tempo livre [...] numa sociedade pós-industrial, onde o 'ócio criativo' e o uso do 'tempo livre' passam a ocupar a centralidade antes do trabalho, [...] Para além da precariedade da análise social destes autores- confundem trabalho com emprego, não diferenciam o 'tempo livre' do desemprego ou subemprego-, [...] Substitui-se atividade profissional/assalariada, garantidora de qualidade e permanência, pelas tarefas voluntárias, fugazes e de qualidade duvidosa que, por sua vez, são geradoras de ainda mais desemprego. (MONTAÑO, 2008, p. 212)

Portanto, o trabalho voluntário além de ser uma ação para camuflar a realidade, constitui-se como uma fonte de desemprego, tornando-se funcional ao capital no atual estágio de crise estrutural.

A partir dessa reflexão, no tópico a seguir, buscaremos discutir o trabalho voluntário na Associação de Apoio aos Portadores de Câncer Esperança e Vida, destacando o perfil socioeconômico dos seus voluntários, as razões que os levam a desenvolverem esse tipo de atividade e a sua apreensão sobre esta.

### **3 O TRABALHO VOLUNTÁRIO NA ASSOCIAÇÃO DE APOIO AOS PORTADORES DE CÂNCER ESPERANÇA E VIDA**

#### **3.1 Considerações sobre o perfil socioeconômico dos voluntários**

A Associação de Apoio aos Portadores de Câncer Esperança e vida atualmente conta com 22 (vinte e dois) funcionários, com contratos de trabalho regidos pela Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), dentre estes assistente Social, responsável pela administração; operadores de telemarketing, responsáveis pelas campanhas de doações; mensageiros, encarregados pelo recebimento das doações e auxiliar de serviços gerais.

Além desse quadro funcional, conta com uma equipe formada por 06 (seis) voluntários, dentre estes 04 (quatro) são artesãos, 01 (um) é fisioterapeuta e 01 (um) terapeuta de reike. Todos eles residem em Campina Grande, na sua maioria em casa própria. Com relação ao gênero, 83 % são do sexo feminino e apenas 17% do sexo masculino.

Para Bonfim (2010), o interesse e a procura das mulheres pelo trabalho voluntário se apresentam como uma questão cultural, uma vez que os homens se mostram de certa forma, resistentes ao trabalho voluntário por não haver um retorno financeiro.

No que diz respeito à escolaridade constatamos que varia entre o ensino fundamental e o ensino superior completo. Ou seja, 17% possuem o ensino fundamental completo, 17% o ensino médio, 33% o ensino superior incompleto e 33% o ensino superior completo.

Em relação ao estado civil a maioria é casada, predominando um número de filhos entre 02 (dois) a 04 (quatro). A faixa etária varia entre 28 (vinte e oito) a 60(sessenta) anos de idade.

Além do trabalho voluntário 04 (quatro) exercem atividades remuneradas, enquanto que os demais sobrevivem ou com a comercialização de produtos artesanais e com o benefício do Governo Federal, o Bolsa Família, por exemplo. Desse modo, majoritariamente exercem atividades remuneradas, com jornadas de trabalho preestabelecidas.

Em se tratando da renda familiar, 23% estão na faixa salarial com mais de 03 (três) salários mínimos, 39% com 02 (dois) a 03(três), 19% não possuem renda familiar e 19% apenas um salário mínimo.

Diante desse dado de realidade podemos recorrer às críticas de Montaño (2008), acerca do discurso apologético que circula no atual momento histórico sobre o aproveitamento do “tempo livre” pelo voluntário. Para o autor, prevalece neste discurso a ideia de que estamos numa sociedade pós-industrial, onde “ócio criativo” e o uso do “tempo livre” assumem uma centralidade antes do trabalho, numa clara confusão entre trabalho e emprego, não diferenciando o “tempo livre” do desemprego ou subemprego.

Em síntese, podemos caracterizar o voluntário da Associação de Apoio aos Portadores de Câncer Esperança e Vida como um cidadão comum. Majoritariamente são mulheres, casadas, com uma media de 02 ( dois) a 04 ( quatro) filhos, nível de

escolaridade que vai do fundamental completo ao superior, residentes em Campina Grande, exercendo, além do trabalho voluntário, atividades remuneradas, com baixo padrão salarial.

3.2 Razões que impulsionam o trabalho voluntário na Associação de Apoio aos Portadores de Câncer Esperança e Vida e o que pensam os voluntários sobre esta atividade.

Foi possível constatar que os voluntários<sup>5</sup> entrevistados tomaram conhecimento da existência da Associação de Apoio aos Portadores de Câncer Esperança e Vida através, principalmente, do trabalho do centro de telemarketing, o qual desempenha um papel importante no tocante aos recursos financeiros e ao trabalho voluntários, pois, através de ligações telefônicas, busca sensibilizar as pessoas a fazerem suas doações, custearem exames, medicamentos, prestarem trabalho voluntário, dentre outros.

Quando indagados sobre o porquê da escolha da citada Associação para prestarem o trabalho voluntário, ressaltaram o fato de esta prestar assistência a pessoas com problemas de saúde, conforme os depoimentos a seguir:

Pra mim a área de saúde é mais importante. Como eu também sou doadora de sangue [...]. Ai, assim, eu queria porque queria entrar num local, fazer um trabalho que fosse pra ajudar as pessoas que fossem doentes. E ate porque meu pai morreu de câncer [...] Tem historia na minha família. Minha mãe já tirou um no seio e meu pai morreu de câncer na próstata. Para mim é muito interessante e tá sendo gratificante (ENTREVISTADO 01).

Eu acho assim, quando é na área de saúde, contribui para o valor maior a vida, autoestima, direitos, deveres. É mais gratificante quando é com pessoas doentes. As pessoas são vítimas, não contribuíram para isso (ENTREVISTADA 04).

Assim, ficou evidente que a vivência com o adoecimento de membros da família, impulsionou, em grande medida, esses voluntários a escolherem a referida Associação para prestarem trabalhos voluntários, numa clara demonstração de que foram motivados por questões subjetivas.

---

<sup>5</sup> Para garantir o anonimato dos entrevistados utilizaremos a numeração correspondente as entrevistas.

Quanto ao tempo de permanência nessa atividade, foi constatado que em media prevalece o período de 02 (dois) a 04 (quatro) anos e uma carga horária de 02h00minh. semanais, contabilizando o total de 8:00h mensais.

Essa Associação está em conformidade com o que determina a Lei Federal 9.608/98 que regulamenta o trabalho voluntário, pois todos eles assinam o termo de adesão quando da prestação dos seus serviços.

Dentre os voluntários entrevistados, alguns já prestaram esse tipo de serviço em outras instituições.

Ao indagarmos sobre as razões que os levaram a desenvolverem o trabalho voluntário, destacaram, sobretudo, o desejo de ajudar as pessoas, de ensinar, de servir, de mostrar o seu trabalho, ou seja, o que sabem fazer, conforme as falas a seguir:

Foi por que gostei mesmo e porque quis mostrar meu trabalho, eu gosto de ensinar o que eu faço né? Artesanato. De ajudar e mostrar meu trabalho. Que eu também já fui “Amiga da Escola” sempre gosto de tá participando dessas coisas, de ser voluntario (ENTREVISTADO 01).

Assim eu queria porque queria entrar num local, fazer um trabalho que fosse pra ajudar as pessoas que fossem doentes [...] Para mim é muito interessante e tá sendo gratificante. (ENTREVISTADO 02)

Ai fui passando outro dia aqui, Deus me trouxe de volta aqui nessa rua, eu disse eita, me lembrei. Vou voltar pra fazer o que eu prometi. Eu tenho que ajudar aqui em alguma coisa. Eu não tenho dinheiro, não tenho renda, não tenho nada. Mas eu vou saber no que eu posso ajudar (ENTREVISTADA03).

Logo, podemos dizer que o desejo de ajudar e servir as pessoas no seu estado de adoecimento, de ensinar o que sabem fazer, se constitui, pois, as razões determinantes neste universo. Como já ressaltou Fernandez(2001, p.3)“ser voluntário parte quase sempre de um impulso emocional, da necessidade e da vontade de ajudar alguém em dificuldade.”.

Quanto à apreensão sobre o trabalho voluntário, identificamos um entendimento, no qual predomina a ideia de “doação”, de “amor”, de “se dedicar para um mundo melhor”, de “trabalhar de graça”, “sem interesse nenhum”, uma maneira de “ajudar as pessoas”, de “ensinar” etc., conforme os depoimentos abaixo:

Voluntário, acho que é trabalhar de graça (risos)... Sem interesse nenhum... De renda de nada. Mas o fato que eu gosto. É bom e se a gente vê interesse das pessoas em aprender [...] (ENTREVISTADO 01).

Doação. É você se doar. Porque na realidade inúmeras pessoas não sabem o quanto é importante o trabalho voluntario, porque você não visa dinheiro né?! Pelo contrário, você ajuda com dinheiro, você gasta pra vim trabalhar, pra vim ajudar as pessoas pra cá. Além de doar o tempo e o financeiro que a gente contribui, pra mim é muito, eu não quero sair daqui não (ENTREVISTADO 02).

Pra mim... Meu amor pra mim, meu trabalho voluntário é aquele que eu me dou pra ensinar essa pessoa, por amor ao que ela precisa e sem cobrança nenhuma, nenhuma... Nem de dinheiro, nem de retorno nenhum das pessoas. Por quê? Porque o retorno que eu tenho é de Deus. O retorno que eu tenho é o carinho que Deus me dá (ENTREVISTADO 03).

Ser voluntário é um trabalho gratificante, pois transferimos o que aprendemos sem retorno financeiro, é se dedicar um pouco para um mundo melhor (ENTREVISTADO 04).

A partir dos depoimentos elencados acima, somos levados a inferir que esses voluntários são impulsionados pela sensibilidade diante do adoecimento e da pobreza, creditando aos valores de participação e solidariedade a solução para os problemas sociais predominantes na conjuntura atual. Logo, doa seu tempo, trabalho e talento de maneira espontânea e não remunerada, a favor de causas de interesse social, apreendendo o trabalho voluntario como uma ação solidária individual de ajudar a quem mais necessita.

Nesse caso, expressam uma sintonia com o discurso apologético do Terceiro Setor, disseminado na sociedade, que transfere para a sociedade civil o enfrentamento da “questão social”.

Como bem afirma Montañó (2008, p. 239):

Com o ‘terceiro setor’ tornado instrumento da estratégia neoliberal, este assume a função de transformar o padrão de resposta às sequelas da ‘questão social’, constitutivo de direito universal, sob a responsabilidade prioritária do Estado, em atividades localizadas e de auto-responsabilidade dos sujeitos portadores das carências; atividades desenvolvidas por voluntários ou implementadas em organizações sem garantia de permanência, sem direto. Transfere-se, como já apontamos o sistema de solidariedade universal para solidariedades individual.

Enfim, ficou claro também que esses voluntários arcam com as despesas de transportes para se locomoverem até a instituição. Além de não terem retorno financeiro, acabam subtraindo dos seus parques recursos os custos necessários para desenvolverem tal atividade.

#### **4. CONSIDERAÇÕES**

O trabalho voluntário é um tema complexo e tem demandado estudos no âmbito acadêmico, principalmente na atual conjuntura política, econômica e social que vem se desenhando desde os anos de 1990, na qual este tipo de trabalho tem quantitativamente aumentado.

Ao analisarmos o trabalho voluntário na Associação de Apoio aos Portadores de Câncer Esperança e Vida, em condições determinadas pela crise estrutural do capital e as suas manifestações em solo brasileiro, foi possível constatar que há uma sintonia entre as razões que impulsionam os voluntários a se envolverem com tal atividade e o discurso apologético do Terceiro Setor.

Constatamos que são motivados pelo desejo, sobretudo de ajudar, de servir, de doação e do amor ao próximo. Ou seja, por um impulso emocional, de necessidade e de vontade de ajudar alguém em dificuldade. .

Portanto, são impulsionados pela sensibilidade diante do adoecimento humano, da pobreza, do sofrimento, creditando aos valores de participação e solidariedade a solução para os problemas sociais predominantes na sociedade atual. Doam seu tempo, trabalho e talento de maneira espontânea e não remunerada, a favor de causas de interesse social, apreendendo o trabalho voluntário como uma ação solidária individual de ajuda a quem mais necessita.

Enfim, expressam uma sintonia com o discurso apologético do Terceiro Setor, disseminado na sociedade, que transfere para a sociedade civil o enfrentamento da “questão social”. Além de construir ideologicamente a motivação para a ajuda, doação, impondo ao indivíduo tomá-las como sendo intrínsecas ao desejo.

A nosso ver, não há dúvidas de que o trabalho voluntário contribui consideravelmente para o funcionamento da Associação de Apoio aos Portadores de Câncer Esperança e Vida, bem como para suprir necessidades referentes ao tratamento médico de uma parcela dos segmentos mais empobrecidos da cidade de Campina Grande e municípios circunvizinhos, o que torna essa atividade louvável. Assim, não é a atuação voluntária em si que consideramos negativa, mas o forte apelo à participação da sociedade civil no enfrentamento das expressões da “questão social” no atual contexto histórico, tornando-a funcional a lógica capitalista.

## 5 REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS - ABONG. **A Pesquisa ABONG: voluntariado politizado.** Disponível em: <<http://www.abong.org.br>> Acessado em: 15 de fevereiro de 2014.

ASSOCIAÇÃO DE APOIO AOS PORTADORES DE CÂNCER ESPERANÇA E VIDA. **Reforma estatutária.** Campina Grande, 2008.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho.** 5. ed. São Paulo: Boitempo, 2001.

BEHRING, Elaine Rossetti. BOSCHETTI, Ivanete. **Política social: fundamentos e história.** 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BONFIM, Paula. **A “Cultura do Voluntariado” no Brasil: determinações econômicas e ideopolíticas na atualidade.** São Paulo: Cortez, 2010.

BRASIL, Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde. **Resolução 466/2012 do CNS que trata de pesquisas em seres humanos e atualiza a resolução 196.** Disponível em:

[http://conselho.saude.gov.br/ultimas\\_noticias/2013/06\\_jun\\_14\\_publicada\\_resolucao.html](http://conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2013/06_jun_14_publicada_resolucao.html), acesso em 15 de fevereiro de 2014.

\_\_\_\_\_. **Constituição da República Federal do Brasil. Brasília.** Brasília - DF.: Senado, 1998.

\_\_\_\_\_. **Serviço Voluntário.** Lei nº 9.608 de 18 de fevereiro de 1998. Aprova o Serviço Voluntário e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 19 de fev de 1998.

\_\_\_\_\_. **Lei 9.790/99** Dispõe sobre a qualificação de pessoas jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos, como Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público, institui e disciplina o Termo de Parceria, e dá outras providências.

CAVALCANTI, Soraya Araújo Uchoa. Reforma do Estado e Políticas Sociais no Brasil. *In: Revista Serviço Social & Sociedade*, nº68. São Paulo: Cortez, novembro/2001, p.35-53.

FERNANDEZ, Ernesta Ganzo. Voluntários. **Jornal - MISSÃO JOVEM.** 2001. Disponível em <<http://www.pime.org.br/missaojovem/mjvoluntarios2001.htm>> Acessado em: 20 de março de 2014.

GROPPO, Luís Antonio. Responsabilidade social empresarial e a mercantilização da solidariedade. In: **Revista Serviço Social & Sociedade**, nº 91. São Paulo: Cortez, setembro/2007, p.143-162.

GUSMÃO, Rute. A ideologia da solidariedade. In: **Revista Serviço Social & Sociedade**, nº62. São Paulo: Cortez, março/2000, p. 92-111.

MÁRKUS, Györgg. **A teoria do conhecimento no jovem Marx**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Reginaldo Di Pietro. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, v. 1, 1974.

MONTAÑO, Carlos. DURIGUETTO, Maria Lúcia. **Estado, classe e movimento social**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. **O terceiro setor e Questão Social**: crítica ao padrão emergente de intervenção social. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MONTEIRO, R. **Ser e agir**: movimento voluntário. Campinas: Educar, 2004.

NASCIMENTO, Janaína Lopes do. “Telhado de vidro” nas ONGs: enfrentamento da questão social e desafios ao serviço social. In: **Em Pauta**, Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, v.9, n. 27, julho/2011.p. 91-105.

NETTO, José Paulo. Transformações societárias e Serviço Social: notas para uma análise prospectiva da profissão no Brasil. **Revista Serviço Social & Sociedade**. São Paulo: Cortez, nº 50, abril/1996, p.87 – 132.

SPOSATI, Aldaiza de Oliveira [et. al]. **A assistência na trajetória das políticas sociais brasileiras**: uma questão em análise. 5 ed. São Paulo: Cortez, 1992.

WIKIPEDIA, **Projeto Amigos da Escola**, janeiro de 2012. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Amigos\\_da\\_Escola](http://pt.wikipedia.org/wiki/Amigos_da_Escola)>. Acessado em 20 de março de 2014.

## **ANEXOS**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS – CEP/UEPB  
COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
PRO-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Profª Dra. Denúncia Pedrosa de Araújo  
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa

**PARECER DO RELATOR: ( 3 )**

Número do parecer: 23623013.9.0000.5187

Pesquisadora junto a Plataforma Brasil: Profª. Mônica Barros da Nóbrega

Orientanda: Eliane Cavalcanti de Medeiros

Data da relatoria: 30/10/2013

**Apresentação do Projeto:** O Projeto é intitulado "O TRABALHO VOLUNTÁRIO NA ASSOCIAÇÃO DE APOIO AOS PORTADORES DE CÂNCER ESPERANÇA E VIDA – CAMPINA GRANDE-PB", será utilizado para elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso(TCC), do Curso de Serviço Social da Universidade Estadual da Paraíba no ano de 2013.

**Objetivo da Pesquisa:** O projeto tem como objetivo geral: Apreender como se constitui o trabalho voluntário na Associação de Apoio aos Portadores de Câncer Esperança e Vida (A.E.V.), no município de campina Grande-PB.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

De acordo com projeto em análise, o mesmo não apresenta riscos para os pesquisados. Ademais, irá contribuir para enriquecer o significado do trabalho voluntário na sociedade capitalista em que vivemos.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:** A pesquisa é de extrema importância, partindo da grandiosidade do trabalho voluntário que não mede esforços físicos ou ideológicos para ser desenvolvido. Outrossim, o referido estudo tem aplicabilidade e retorno social. Será desenvolvido através da aplicação de uma entrevista

semiestruturada direcionada para os voluntários da Associação de Apoio aos Portadores de Câncer Esperança e Vida, situada na Rua Antônio Campos, 382, no Bairro do Alto Branco, no município de Campina Grande-PB.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os termos obrigatórios de acordo com a Res.466/2012 do CNS/MS , estão presentes no projeto.

**Recomendações:** Atende a todas as exigências protocolares do CEP mediante Avaliador e Colegiado. Diante do exposto, não necessita de recomendações.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:** O estudo reveste-se de grande relevância. Foram respeitadas as recomendações da lista de checagem, bem como da Resolução 466/12 do CNS/MS.

**Considerações Finais a Critério do CEP:** O referido estudo atende as exigências protocolares do CEP-UEPB mediante a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde. Diante do exposto, somos pela aprovação do referido projeto de pesquisa.

**Aprovado ( X )**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
PRO-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



Profª Dra. Dornilécia Pedrosa de Araújo  
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa

ANEXOB

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, \_\_\_\_\_, em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa **“O TRABALHO VOLUNTÁRIO NA ASSOCIAÇÃO DE APOIO AOS PORTADORES DE CÂNCER ESPERANÇA E VIDA - CAMPINA GRANDE – PB”**.

Declaro ser esclarecido e estar de acordo com os seguintes pontos:

A pesquisa **“O TRABALHO VOLUNTÁRIO NA ASSOCIAÇÃO DE APOIO AOS PORTADORES DE CÂNCER ESPERANÇA E VIDA - CAMPINA GRANDE – PB”** terá como objetivo geral **APREENDER COMO SE CONSTITUI O TRABALHO VOLUNTÁRIO NA ASSOCIAÇÃO DE APOIO AOS PORTADORES DE CÂNCER ESPERANÇA E VIDA (A.E.V.) NO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE – PB**.

Ao voluntário somente caberá à autorização para **PARTICIPAÇÃO NA ENTREVISTA DO TIPO SEMIESTRUTURADA, COM UM ROTEIRO PREVIAMENTE ESTABELECIDO**, não sendo previsto nenhum risco ou desconforto ao participante.

Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial. Entretanto, quando necessário for, poderá revelar os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.

O voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo.

Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.

Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro para os participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros para os mesmos e, portanto, não haveria necessidade de

indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.

Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a equipe científica no número (083) 88048351 com Mônica Barros da Nóbrega e (083) 81397127 com Eliane Cavalcanti de Medeiros.

Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados com o pesquisador. Vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

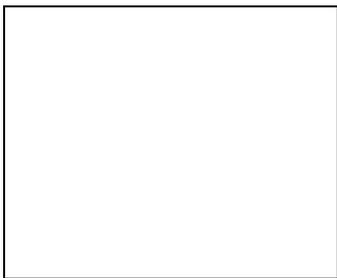
---

Assinatura do Participante

---

Assinatura do pesquisador responsável

Assinatura Dactiloscópica do Participante da pesquisa



## APÊNDICE

## APÊNDICE A



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL

**Título da pesquisa: “O TRABALHO VOLUNTÁRIO NA ASSOCIAÇÃO DE APOIO AOS PORTADORES DE CÂNCER ESPERANÇA E VIDA - CAMPINA GRANDE – PB”.**

**Pesquisador responsável:** Mônica Barros da Nóbrega

**Orientanda:** Eliane Cavalcanti de Medeiros

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

#### Parte I – Perfil Socioeconômico

1. Idade \_\_\_\_\_

2. Sexo Masculino ( ) feminino ( )

3. Residência \_\_\_\_\_

4. Escolaridade:

- ( ) sem instrução
- ( ) Alfabetizado
- ( ) Ensino Fundamental incompleto
- ( ) Ensino Fundamental completo
- ( ) Ensino Médio incompleto
- ( ) Ensino Médio completo
- ( ) Ensino Superior incompleto
- ( ) Ensino Superior completo

5. Moradia:

própria  alugada  cedida  invadida

6. Estado civil:

solteiro(a)  casado(a)  outros

7. Tem Filhos?

Sim

Não

8. Número de filhos:

1 filho  2 filhos  3 filhos  4 ou mais filhos

9. Profissão \_\_\_\_\_

10. Exerce atividade remunerada?

Sim  Qual? \_\_\_\_\_

Não  \_\_\_\_\_

11. Renda Familiar:

1 salário mínimo

2 a 3 salários mínimos

mais de 3 salários mínimos

## **Parte II- Questões específicas**

- 1- Razões que levam a se envolver em trabalho voluntário.
- 2- O porquê da escolha desta Associação.
- 3- . Atividades que desenvolve enquanto voluntário.
- 4- Há quanto tempo desenvolve trabalho voluntário.
- 5- Jornada de trabalho.
- 6- Como apreende o trabalho voluntário.